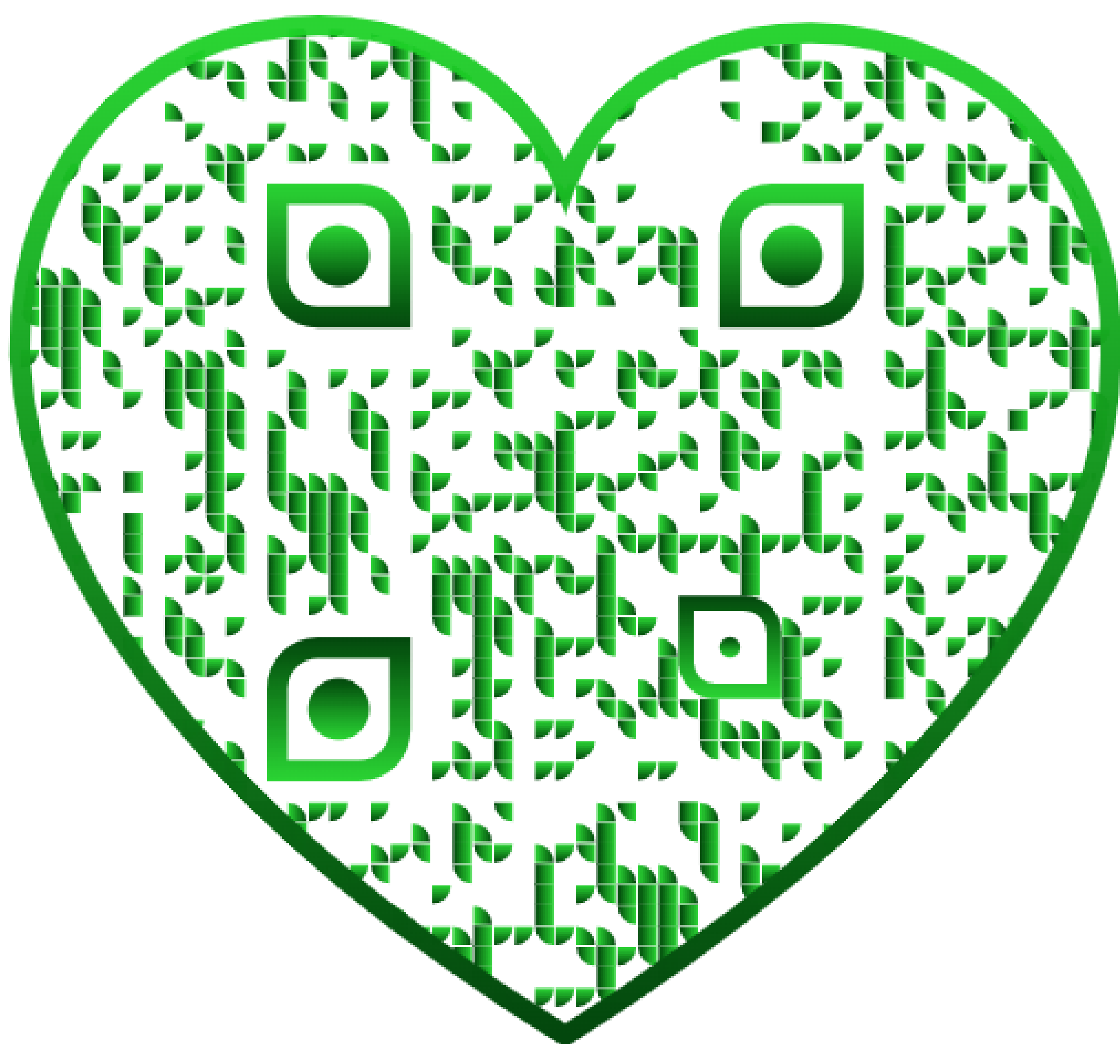
A Vingança do Sapatinho

Eduarda Rozemberg



Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros, com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

A Vingança do Sapatinho

Eduarda Rozemberg

Copyright @2017 by Eduarda Rozemberg

A VINGANÇA DO SAPATINHO

Conto

Todos os direitos reservados.

Revisão e diagramação por Taty Lima

Capa por Débora de Mello

Proibida a reprodução total ou parcial desta história, em quaisquer meios — tangível ou intangível —, sem a expressa autorização por escrito da autora.

ESTA OBRA SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Esta obra é uma ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos aqui descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Aos meus pais e namorado, que tanto me apoiaram e incentivaram o meu caminho como autora.

Sons ecoavam pelo grande salão, soluços de um choro desesperado de pura tristeza. Cinderela encontrava-se curvada junto ao chão, juntando os trapos de seu vestido. Encontrava-se sozinha naquela grande casa, sua madrasta e irmãs já haviam saído para o baile e ela continuava ali.

Depois de tanto tempo chorando, os olhos inchados estavam pesados e, para piorar, sentia dores agudas pelo seu corpo devido à quantidade de trabalho que lhe foi passado. Fizera o esforço de finalizar suas tarefas a tempo de costurar o seu vestido e, mesmo assim… Pela primeira vez na vida, a menina sentiu o peito arder com o ódio. Algo crescente que incendiou todo o seu corpo.

Com dificuldade, Cinderela ergueu-se, abraçando com força os pedaços de pano, e levou-os até a parte de trás da casa. Encarou sua cama de palha com repulsa e lançou o que carregava para o mais longe possível de si.

Caiu de joelhos e gritou com toda a sua força, tanto que, no fim, se tornou um rugido rouco. Fechou os punhos e bateu-os no chão, sem nem se importar caso se machucasse. Desejava, com todas as suas forças, descontar toda a maldade que aquelas três mulheres lhe fizeram durante toda a sua vida. Também teve raiva de seu pai, por ter morrido e a deixando-a sozinha com elas.

Os animais do estábulo se agitaram. Os cavalos bateram os cascos no chão e os latidos dos cachorros se esvaíram na noite. Apesar de o barulho ser incomum, Cinderela não se importou. Abaixou o corpo o suficiente para que a testa encostasse ao chão sujo, os braços envolveram o próprio corpo e os olhos foram fechados com firmeza. Murmurava todas as pragas que conhecia, pedindo, do fundo de seu ser, para que todas fossem reais.

Sentiu um arrepio percorrer por todo o corpo. Não havia percebido o quão frio estava até aquele momento. Perdeu a noção do tempo ao ficar encolhida daquela forma, mas seu choro, eventualmente, se cessou. Porém, os animais continuaram com a mesma agitação. Por um momento, Cinderela sentiu como se estivesse sendo observada. Um grande medo lhe invadiu e acabou permanecendo abaixada.

Mesmo debruçada sobre os joelhos, ela abriu os olhos, apoiou as palmas no chão e respirou fundo. *“É apenas coisa da sua cabeça”*, insistiu para si mesma. Somente após ter

certeza de que estava sozinha, decidiu se levantar. Chorar não levaria em lugar algum e elas não mereciam uma lágrima sequer de si.

Dirigiu seu olhar para cada canto do local, ainda tinha medo. A penumbra não permitia que visse nada. Sentiu o peso do arrependimento de ter saído da segurança interior da mansão. Sem dar as costas para o fundo do estábulo, Cinderela deu passos em direção à saída. Ouvia sons de passos e rangidos vindos da escuridão e tateou desesperada pela enxada ao lado da saída. Os músculos dos braços ficaram retesados assim que achou o objeto e o ergueu diante do corpo, como se sua vida dependesse disso.

— Quem está aí?! — exclamou, trêmula. Já não mais tinha certeza de que era sua cabeça inventando coisas. Pensou que pudesse ser suas irmãs postiças prontas para lhe darem um susto. Não daria esse prazer para elas. — Se vocês estiverem tentando me pregar uma peça, não está funcionando.

Ouviu um zumbido metálico vir do fundo e se aproximar gradativamente de si. Podia se contorcer apenas com o barulho de tão agudo que era. Pés pesados amassavam as palhas que estavam espalhadas pelo chão, e um cheiro fétido tomou o local. O odor de carne podre e esterco fez com que ela torcesse o nariz e seu estômago se remexesse com a vontade de vomitar. O corpo de Cinderela ficou paralisado, mas seus dedos continuavam apertando com força o cabo da enxada; apertava tanto que chegou a doer.

Sentia como se estivesse parada no tempo. Os segundos pareciam horas. O estábulo, que já era pequeno, se tornou menor. Sua respiração se tornou lenta e baixa, sentia tanto pânico que parecia que já não mais conseguia respirar direito. Seus sentidos estavam aguçados, sabia que, quem quer que fosse, estava cada vez mais perto.

De repente, se viu diante de algo que não era nenhuma de suas irmãs. A fraca luz da lua permitiu que visse a criatura monstruosa parada diante de si. Havia larvas saindo do rosto do que um dia havia sido uma mulher, e todo o seu corpo estava em decomposição. As roupas eram escuras e estavam rasgadas; ossos apareciam em algumas partes do corpo, fazendo com que mancasse. A bengala que a coisa segurava tinha uma pedra na ponta que emanava uma luz roxa.

Com uma das mãos, Cinderela se beliscou esperando acordar daquele pesadelo. Porém, aquele morto-vivo era real demais. O cheiro pútrido era tão forte que ficou zonza.

— Q-quem é você? O-o que faz aqui? — Sentiu sua voz falhar.

“Sua fada madrinha”, a voz da criatura era desumana e vinha direto de sua mente. Cada palavra era como pregos perfurando a sua pele, penetrando-a até que alcançasse o seu interior, fazendo com que a moça gemesse de agonia. Os olhos dela lacrimejaram ao tentar mantê-los abertos. “Você me chamou… ”.

Cinderela sentiu o corpo vacilar. Tentou ir até a saída, mas tudo o que sentiu foi uma força lhe puxar para o chão. Por mais que procurasse se mexer, nenhum músculo se mexia. Queria gritar, mas seus lábios foram espremidos um no outro até que não existissem mais. Arregalou os olhos com o que havia acabado de acontecer e, ao tentar abri-los, acabou engasgando com a saliva, não tendo por onde tossir. Seu desespero por falta de ar durou longos segundos e parecia que ia desmaiar. Algo queria lhe manter acordada, então apareceu uma pequena fresta, onde deveria ser a boca, para que puxasse o ar. Os pulsos e tornozelos estavam presos por uma corda invisível. A criatura não mais andava por dois pés, mas engatinhava até que ficasse por cima da moça, quase que se deitando sobre ela.

Sentiu o enjoo retornar com toda a força, tão incontrolável que o vômito escapou por aquele pequeno buraco, em cima de si mesma. Por um momento, o medo e o nojo foram tão grandes que teve vontade de morrer. Aquele monstro era prova de que deveria tomar cuidado com as coisas que desejava.

Espremeu os olhos, querendo não olhar para rosto terrível bem rente ao seu, de forma que os narizes se encostassem.

— Eu faço qualquer coisa… Por favor. — Cinderela implorou por piedade. Sua fala estava embola e torcida, pois não conseguia abrir a boca direito. A risada que invadiu a sua mente fez com que ela gritasse. Era algo impossível de descrever, como se várias vozes se misturassem em uma só. — *Por favor...*

“Está feito. Tem até meia-noite”, a seguir de sua fala, o cadáver lhe beijou nos lábios. A língua negra e espessa passando pelos lábios que voltavam ao normal. Tinha um gosto ácido e azedo. Quando se deu conta, estava vomitando novamente e quis que tudo aquilo fosse um terrível pesadelo.

Ao piscar os olhos, a coisa já havia sumido e os animais voltaram a emitir seus sons naturais. A moça vomitou até que não tivesse mais nada para sair, a não ser a bile. Passou as

mãos sujas pelo rosto para tirar as larvas que ali permaneceram e ergueu-se em um pulo, quase caindo pela tontura.

Forçou-se a engatinhar para fora do estábulo até a fonte, jogando água em seu rosto. Nos minutos seguintes, algo inimaginável aconteceu.

Uma abóbora, que apodrecia perto de uma árvore, começou a rastejar pela terra. Sua forma começou a se modificar, transformando suas laterais em uma gosma grossa e preta. Seu tamanho aumentou consideravelmente, porém, quando finalmente aquela coisa grotesca parou de acontecer, a abóbora se transformara em uma carruagem.

Os cavalos foram arrastados de dentro do estábulo. Relinchavam alto e erguiam-se de forma que tentassem se soltar do que quer que estivesse os segurando. Cinderela conseguia ver o pavor deles, era como se soubessem que aquilo não era normal e que não queriam, de jeito nenhum, fazer parte daquilo. Lutaram até o último segundo, até que foram presos na carruagem e amordaçados, findando os sons. O cachorro sofreu a mesma mutação da abóbora, se tornando em um elegante condutor.

No momento em que Cinderela olhou para baixo, percebeu que já não mais vestia roupas de serva, já não havia rastros do vômito. Já tinha ouvido falar em mágica, mas nunca presenciara, nem mesmo acreditava que pudesse ser real. Trajava um lindo vestido coberto de brilho, era rosa, rodado e com enfeites delicados nas bordas. Era tão bonito que nem mesmo ela se reconheceu. Nos pés, calçava um delicado sapatinho de cristal. Não era nada confortável, só de olhar para ele, tinha sensações desagradáveis. Sentia como se estivesse pisando em cacos de vidro; porém, era ele que fazia toda a diferença no seu visual.

Cambaleando, seguiu em direção à carruagem. De alguma forma, sabia que era aquilo que deveria fazer. Estava confusa e ansiosa, sabia que tinha um preço a pagar, tinha receio do que poderia ser, e, mais ainda, se conseguiria pagá-lo. Era a sua noite, então procurou tirar tais pensamentos mórbidos de sua mente.



Todos no baile haviam parado para observar a sua beleza. Assim que colocou os pés no salão de festa, ninguém conseguia tirar os olhos de Cinderela, era como se estivessem enfeitiçados. Um grande corredor, para que ela passasse, foi aberto e foi tratada com tanta cordialidade que se sentiu uma verdadeira princesa.

De longe, o príncipe observou a sua entrada. Ele estava sentado no trono ao lado de seu pai, e ambos se ergueram quase que imediatamente. A moça parou no centro e fez uma grande mesura, curvando-se até que quase tocasse o chão. Já o príncipe, andou apressado até ela, segurando uma de suas mãos para que Cinderela voltasse a ficar ereta.

O rapaz nunca vira uma garota tão linda e com tanta elegância. Quis estar apenas com ela naquela noite, havia decidido quem seria a sua noiva. Esteve tão vidrado em Cinderela, que nem mesmo lembrou-se de lhe perguntar o nome. Sentia-se preso a ela como se mais nada na vida pudesse lhe trazer uma real felicidade, queria-a pelo resto de sua vida e nada impediria que a conseguisse.

Cinderela dançou com o príncipe até que seus pés doessem. Sentia-se completa e feliz, nunca tivera algo tão bom na vida. Girava pelo salão, parecendo que tinha feito isso a vida toda. Até então, nunca tivera tido nem mesmo uma aula de dança, apenas lembrava-se de se apoiar nos pés de seu pai quando era criança. Aquela mesma alegria preenchia seu coração, sua mente estava tranquila e o corpo relaxado. Os braços do príncipe eram confortáveis, e ele era tão bom dançarino..., porém, tudo o que é bom, dura pouco.

O relógio começou a badalar. Cinderela olhou para ele com desespero, lembrando-se do aviso. Não sabia o que poderia acontecer. Desvencilhou-se dos braços do príncipe e correu para a saída. Seu vestido era pesado e os saltos de cristal machucavam os seus pés, como se estivessem mastigando-o. E ao olhar para baixo, realmente estavam. Era como se estivessem se fundindo aos seus pés. Sentia dores que percorriam desde os seus dedos até as suas coxas. Mancava.

Apressou-se pela escadaria abaixo, enquanto ao mesmo tempo tentava se livrar do sapatinho. No último degrau tropeçou e caiu no chão de bruços. Ouvia de longe a voz do príncipe e seus guardas chamando por ela, e só percebeu que havia esquecido um par do sapato quando estava bem longe. Já não havia mais tempo.

Finalmente entrou por entre as árvores e respirou fundo. Num piscar de olhos o seu estado voltou ao de antes: trapos surrados de serva e vômito. Mas o sapatinho não havia

desaparecido, ainda permanecia grudado no seu pé. Suspirou aliviada por ter conseguido sair do castelo a tempo, e começou a andar de volta para casa. O corpo estava extremamente pesado, obrigando-a a se apoiar nas árvores para continuar caminhando.

Os animais saíram desgovernados para todos os lados, nem se quisesse, conseguiria correr para alcançá-los. Apenas o cachorro seguiu pelo caminho certo, não era a primeira vez que estivera fora de casa e sabia bem o caminho de volta.

O caminho para casa era longo e teria que se apressar, antes que fosse descoberta. Sentiu vontade de chorar mais uma vez ao lembrar-se de que teria que voltar para a companhia de sua madrasta e irmãs terríveis. Todo seu rosto enrugou-se e soltou um grito de pura angústia. Sua garganta ardeu, mas continuou gritando. Chegou a bater a mão no tronco da árvore que se encostava, nem sentindo as farpas que fincaram em sua pele. Nenhuma dor se comparava com todo o sofrimento que passou nas mãos delas.

Um sopro quente passou pela sua orelha como se alguém estivesse falando bem perto. Cinderela olhou por cima do ombro, assustada. Por segundos, fixou seu olhar para o breu, procurando por alguma coisa. O bosque estava tão escuro que não permitia que visse direito, mas conseguia enxergar as sombras das árvores e suas folhas movendo-se junto com o vento. Não havia nada. Seu coração estava acelerado, só conseguiria se acalmar quando finalmente tivesse uma noite de sono.

Ao virar-se para frente mais uma vez, uma sombra, que se materializava aos poucos, envolveu o corpo da moça. Um abraço, que lhe apertou até os ossos, sentindo-os estalarem. Mais uma vez se sentiu impotente, pois aquele hálito quente era como um sedativo. Cinderela gritou, mas nada podia fazer. Seu corpo foi totalmente paralisado e, de repente, tudo ficou preto.



Assim que recobrou a consciência, Cinderela levantou-se num pulo, ainda gritando, como se o que tivesse acontecido fosse apenas um pesadelo. Recusou-se a abrir os olhos, com

medo do que veria. Mexia os braços e o corpo sem parar, o suficiente para que a fizesse cair de algum lugar.

Aquele barulho de algo metálico se arrastando no chão novamente apareceu. Todo o corpo da moça tremia, mas firmou as mãos no chão gélido e sujo para se erguer. Suas mãos ficaram sujas, com algo pastoso que nem queria saber o que era. Sentindo nojo limpou-as em suas vestes e deu passos pelo local. Estava no porão de sua casa, ou o que deveria ser.

Tudo estava se decompondo, tinha um cheiro forte de mofo e alguma coisa podre. Pedaços de ferro estavam espalhados pelo chão e apenas uma pequena janela permitia que a luz entrasse no cômodo. Sua visão demorou a se acostumar com a escuridão, e seu coração continuava consumido pelo medo. Pela primeira vez, sentiu-se arrependida por todas aquelas coisas que desejou as suas irmãs. Nunca havia desejado mal a alguém antes.

“Tarde demais”, aquela mesma voz desumana voltou a falar em sua mente. A moça girou nos calcanhares, ainda sentindo aquele sapato de cristal preso em seu pé.

— Onde você está?! Vamos, apareça! — exclamou, encontrando um pouco da sua coragem. Pegou rapidamente um dos pedaços de ferro do chão, do que antes deveria ser uma cama, e andou pelo local.

A criatura invisível riu, uma risada que fez com que todos os pelos do corpo dela se eriçassem em alerta. No segundo seguinte, ouviu rosnados vindos do lado de fora. Correu até a porta e reuniu toda a sua força para manter a porta fechada.

A madeira atrás de si balançou e sabia que não conseguiria segurar-se ali por muito tempo. Os rosnados se tornavam latidos que ecoavam por toda a mansão, e unhas eram arrastadas do outro lado da porta. Cinderela pressionou o ombro contra a superfície, mas acabou sendo lançada para longe.

O pedaço de ferro fora parar longe de seu alcance, e antes que pudesse recuperá-lo, uma criatura conseguiu ultrapassar a porta de madeira. Mastigando-a até que adentrasse o recinto. Cinderela mal podia acreditar em seus próprios olhos. Ainda no chão, arrastou-se para trás para manter distância daquele cachorro monstruoso. Ele tinha quase a altura dela e os olhos grandes e vermelhos, sua boca espumava em raiva e os músculos do corpo pulsavam e expandiam-se para fora; suas garras eram enormes, maiores do que a própria pata. Mais uma vez ele rosnou e abriu o focinho, mostrando todas as presas. O grito de Cinderela ficou

agarrado na garganta.

O cachorro avançou para cima dela, prendendo seus dentes em sua canela, puxando-a para fora do porão. Em desespero, a moça fincou os próprios dedos no chão e, ao ser arrastada, acabou machucando-os tão profundamente que começaram a sangrar. As unhas foram puxadas para fora, e os braços arranhados em alguns pedaços de madeira que voaram no momento em que a porta fora destruída.

A dor era agoniante, sua perna começava a ser dilacerada. Grunhia, sentindo-se impotente e sabia que nada poderia lhe salvar.

"Sabe o que fazer", ouviu algo lhe dizer. Mirou o olhar para o pedaço de ferro, que agora estava no alcance de suas mãos, e mesmo com dificuldade de movimentar-se, conseguiu agarrá-lo e virar o corpo em direção à criatura. Reuniu a força que não possuía e fincou o ferro em um dos olhos do cachorro. Os gemidos dele preencheram cada canto do porão, até que este caísse para o lado, morto. O chão balançou e tudo voltou a ficar silencioso.

Cinderela deixou que o corpo relaxasse no chão.

— *Cinderela! Cinderela!* — Sua madrasta gritou no andar de cima.

Quando voltou a abrir os olhos, tudo havia voltado ao normal. Havia tido um pesadelo? Ou ela não ouvira nada do que aconteceu ali? Fincadas atingiram suas temporadas, era muita coisa para sua cabeça. Tanta coisa havia acontecido, estaria enlouquecendo?

O porão estava apenas sujo de poeira e com algumas coisas velhas de seu pai entulhadas nos cantos. Por um momento, sentiu alívio, mas este desapareceu assim que viu o seu cachorro morto em sua frente. Suas mãos foram diante do rosto e nem percebeu quando as lágrimas começaram a escorrer. *Ela* havia feito aquilo. Olhou para a cena horrorizada, sem saber o que poderia fazer a respeito.

O sangue do que fora o seu único companheiro escorria pelo olho perfurado, espalhando por todo o chão. O jeito que o pequeno corpo havia caído demonstrava o quanto ele havia sofrido. E Cinderela sofreu por ele.

— Cinderela, suba aqui agora! — Sua madrasta continuava gritando.

— Já estou indo, madrasta! — gritou de volta com sua voz trêmula. Já não sabia mais diferenciar o que era real, e receosa do que estava acontecendo consigo, subiu as escadas. Não

havia tempo de se recuperar.

Tivera que se apressar para trocar de roupa, se elas vissem toda aquela sujeira, sua vida pioraria consideravelmente. Tentou descer apresentável, o que não foi uma tarefa fácil, ainda estava atordoada pelos acontecimentos anteriores. Era obrigada a andar na ponta do pé enquanto o outro permanecia preso no sapatinho. Os olhos ardiam devido ao choro que tentava segurar, embora soubesse que se elas vissem, sequer perguntariam o porquê.

— Finalmente, Cinderela. — O tom de voz da mulher demonstrava todo o desprezo que sentia pela enteada. — Quero que arrume toda a casa até o fim da tarde, o príncipe vai visitar todas as moças solteiras. Ah, e quero que faça alguns consertos nos vestidos de suas irmãs. É claro, não precisam de nada para serem bonitas, mas vestidos elegantes são sempre bem-vindos, não é, meninas?

— *Uhu…*. Ele está procurando aquela moça misteriosa da festa… Era realmente horrorosa! Ele vai ter o prazer de estar com uma de nós em breve, precisamos já mostrar que sabemos agir como a realeza. — Uma delas guinchou perto da mãe. A outra apenas soltou risadinhas. — Vamos provar o sapatinho! E Cinderela, se você estragar isso, vai se arrepender.

— Sapatinho… — Cinderela murmurou, engolindo em seco. Agradeceu por suas roupas tamparem os seus pés.

Com o tempo, todas aquelas ameaças se tornaram vazias. Somente o pensamento de poder provar o sapatinho e estar com o príncipe novamente, sua esperança retornava com toda a força.

— Não fique aí parada, Cinderela! — A madrasta exclamou, continuando os preparativos nos cabelos das filhas. De coque, elas ficavam ainda mais feias do que realmente eram. Ainda assim, sabia que ela lhe encarava pelo espelho da penteadeira.

Desanimada, ela saiu carregando dois pesados vestidos para fora do quarto. Seus passos eram lentos, sabia que elas não deixariam que ela provasse o sapatinho. Sentiu-se triste, pois sabia que o par pertencia a ela, e tinha passado por muito para conseguir estar naquele baile. Enchia-se de alegria ao lembrar-se de como o príncipe ficou encantado ao dançar consigo, se tivesse tido mais tempo…

Ia começar a descer a escadaria, quando viu uma figura deslizar pelos degraus acima. Era lenta, mas tinha uma aparência ameaçadora. Com o susto, a moça soltou os vestidos e deu

alguns passos para trás, sem desgrudar os olhos do humanoide que vinha em sua direção. Parecia que o inferno estava na terra, não tinha nem um minuto para descansar a mente do horror que estava passando desde a noite anterior.

A nova criatura tinha uma cabeça bem maior do que o corpo com o formato de um roedor. Dentes enormes e retangulares saíam pela gengiva superior. Grandes e enrugadas orelhas de rato saíam pelo couro cabeludo, num tom de roxo e com veias em tons escuros. Toda a pele parecia queimada, mas, ainda assim, os pelos nasciam por alguns locais. Os olhos eram pequenos e amarelos, e das suas bochechas saíam longos fios que enroscavam na ponta. O resto do corpo era completamente humano, porém, mais musculoso do que deveria ser. Os seus dedos estavam sujos de sangue seco, e, além disso, carregava uma espada que deveria ter, pelo menos, um metro; carregava-a como se estivesse segurando uma pena.

Ia clamar por Deus, mas sabia que este já havia lhe dado às costas por todo o ódio que havia sujado o seu coração. Sabia que aquele cadáver não desistiria até que lhe levasse junto para o fundo de uma cova.

Começou a correr para longe, mas parecia que a cada passo que dava continuava no mesmo lugar, em um corredor interminável e que ficava cada vez mais escuro. A tintura da parede começava a descascar, como se estivessem sangrando. Cinderela ofegava, não sabia até quando poderia continuar fugindo do que estava reservado para si. Conseguia ouvir o próprio coração bater e suas mãos suavam com o pavor.

No fim do corredor, vinha outra criatura, exatamente igual àquela. Olhou para trás para ter certeza de que não era a mesma, e realmente não era. Girou o rosto procurando por uma saída, e fitou o andar debaixo, pensou que a sua única opção poderia ser se jogar dali e acabar logo com essa perturbação. No entanto, ao virar a cabeça para o outro lado, se deu de cara com a porta do quarto da madrasta. Não tinha escolha, era ali que deveria entrar.

O chão parecia escorregadio, como se estivesse prestes a derreter. A maçaneta estava em brasa e sentiu uma dor latente ao encostar-se a ela. Comprimiu os lábios e fez força para empurrar a porta. Conseguiu adentrar o recinto, passou a chave na fechadura. Olhou com receio para a entrada e procurou por sua madrasta e irmãs, mas nem sinal delas.

Procurou urgentemente por alguma coisa que pudesse usar para se defender, e a única coisa que achou que pudesse servir para alguma coisa, foi um candelabro. Estava se aproximando do final da tarde e a luz começava a diminuir. Como ela poderia enfrentar

aquelas duas coisas sozinha?

— Eu não quero mais isso… — murmurou para si mesma.

À medida que aqueles dois roedores chegavam cada vez mais próximos do quarto, o ambiente ficava ainda mais pesado. Começaram a surgir camundongos pelos quatro cantos do local, e se multiplicavam a cada segundo. Cinderela ficou tonta, uma vez que girava em desespero, sem ter para onde ir. Chutando-os com os pés, tentou ir até a janela, mas grades cresceram como raízes do lado de fora e mesmo que tentasse puxar, isso não adiantaria.

Encostou-se na parede e procurou usar os pés e o candelabro para afastar os bichos. Ao mesmo tempo, os humanoides haviam chegado à porta e fincaram suas espadas e a rasgaram até o chão, abrindo passagem para sua monstruosidade.

Novamente passava por sua cabeça que aquilo tudo era uma ilusão e que não deveria temer a nada, mas tudo parecia ser tão real… Inclusive aquele cheiro de detrito que acompanhava aqueles seres sujos. Segurou o candelabro com ambas as mãos e apontou para eles. Um entrava atrás do outro, sem encostar as patas no chão.

— Não se aproximem! — Nada adiantaria. Tentava imaginar o que aquela criatura morta queria lhe aterrorizando de forma tão cruel.

O quarto encheu tanto com os ratos se multiplicando, que eles começaram a subir pela parede, formando ondas de pequenos corpos. Não poderia continuar chutando para sempre, começou a sentir os músculos da perna doerem. No momento em que parou, alguns começaram a escalar a sua roupa, e distraiu-se tanto, que acabou sendo lançada para longe por um daqueles roedores gigantes.

O corpo bateu com tanta força no chão que alguns daqueles camundongos haviam sido esmagados. Sentiu dores e sangue espirrou para os lados. Cinderela grunhiu, e forçou-se a colocar-se de pé. A adrenalina lhe dava coragem, mesmo que isso não fosse o suficiente. Eles vinham novamente, dessa vez com a espada. Tivera que usar o candelabro para se defender, passando-o pelo ar até que atingisse o rosto de um deles.

Enquanto um ficou zonzo pelo ataque, o outro seguiu investindo a lâmina contra a moça. Um corte profundo foi feito em suas costas. O corpo magro de Cinderela foi impulsionado para frente devido ao golpe. Não tinha o luxo de se abater pela dor latente, até mesmo se manter de pé era uma tarefa difícil. Atacou novamente o outro monstro, querendo

que ele caísse. Mal conseguia se esquivar, porém, fazia o melhor que conseguia.

Sentia que aquela era a sua hora. Não conseguiria lutar para sempre e não havia ninguém para lhe salvar.

O inacreditável aconteceu, era como se tudo estivesse fácil demais. Ela respirou fundo e puxou a espada de um dos monstros. Correu para o outro lado do quarto, com dificuldade. Não tinha força para carregar todo aquele peso. Quase tropeçou quando a lâmina diminuiu consideravelmente nos instantes seguintes, ela se adaptou ao seu tamanho.

Não querendo saber como aquilo aconteceu, Cinderela aproveitou o súbito surto de força de vontade para investir contra uma das lentas criaturas. Causou-lhe um corte muito parecido com o seu, mas o sangue não escorreu, a ferida apenas se curou em um piscar de olhos. Desesperada, ela continuou desviando pelo quarto, a sua vantagem era a velocidade.

O que já era ruim, ficou ainda pior. Ficando cada vez mais irritados, os dois humanoides se aproximaram um do outro. Os músculos soltaram-se de seus corpos, o que se assemelhou a vários tentáculos, crescendo até que tocassem os corpos, fundindo-se criando uma coisa ainda mais disforme e horrível e impossível até mesmo de imaginar. Agora eles tinham o dobro da força.

Nunca vira algo tão horrível. Não sabia se o que sentia era somente medo, ou uma mistura de várias sensações ruins. Os ratos passeavam por suas pernas, pelo chão, pelas paredes... Era como se estivesse sendo engolida.

Mais uma vez foi empurrada para trás, tão violentamente que acabou batendo a cabeça. Suas vistas ficaram embaçadas, prestes a perder a consciência. Sentia dificuldade para respirar, todas as partes do seu corpo doíam, dores agudas que vinham como fincadas. A criatura disforme pisou bem em cima de seu joelho, fazendo com que o mesmo afundasse até que ela perdesse o movimento. O osso saiu e Cinderela gritou em puro desespero.

— Pare, por favor! Pare! — implorava.

Tremia violentamente, teve dificuldade de manter-se segurando a espada. Fez um esforço descomunal para erguer o tronco, e fincar a ponta da espada em uma das pernas da criatura, puxando-a até embaixo, de forma que todo o membro se dilacerasse. É claro que a cura viria rapidamente, mas foi o suficiente para que ele perdesse o equilíbrio.

Rapidamente, Cinderela puxou a lâmina de volta para si e viu a criatura cambalear, caindo bem ao seu lado. Aproveitou a sua chance, e grunhindo alto, virou-se o suficiente para fincar a espada bem no pescoço da coisa. Fez isso pelo menos duas vezes até que o corpo do roedor ficasse imóvel, se desintegrando bem diante de seus olhos. Os camundongos não estavam mais organizados, procurando ficar o mais longe dela.

Só então, ela se permitiu chorar. Fechou os olhos com força, sem energia para voltar a se mexer. Arrastou-se até a parede mais próxima e se encostou-se a ela.

Cinderela manteve os olhos abertos a todo o momento, temerosa de que outra coisa ameaçadora pudesse entrar por aquela porta. Cada ruído lhe deixava alerta. Sentia-se cada vez mais indefesa.

A língua da moça se contorceu em agonia, escorregou para o chão se contorcendo. Estava completamente suja de sangue, mas o ferimento começava a se curar, assim como aconteceu com o monstro. A dor da cura era excruciante, tanto que acabou mordendo a própria língua. O gosto metálico era nojento e, naquele momento, não tinha o luxo de vomitar. Apertou os dedos até que os nós ficassem brancos e segurou-se muito para não gritar. Sua garganta não aguentaria por muito tempo.

O osso estalou ao voltar para o seu lugar, e sua pele ao se regenerar era como se algo estivesse lhe costurando sem qualquer espaço de alívio. Não conseguia nem mesmo fechar os olhos, tudo estava dolorido. De repente, a sensação parou por completo e ela pôde respirar fundo.

Como acontecera antes, tudo começou a se desfazer bem diante dos seus olhos. Os ratos aos poucos iam desaparecendo, mas os vestígios da luta permaneceram. Só que agora, ela percebia algo que não tinha reparado antes: sua madrasta e irmãs ainda estavam no quarto.

As filhas estavam estiradas sobre o tapete de veludo, uma com a perna completamente cortada e a outra tinha furos no pescoço. Ambas mortas com os olhos vidrados. Sua madrasta estava debruçada sobre os corpos, murmurando coisas que ela não conseguiu entender.

— Vai me pagar, Cinderela…

— Não. — Ela retrucou, fazendo um impulso com as mãos para se colocar de pé. Sentia pena, e nada mais. Era como se o seu coração tivesse mudado naqueles momentos de agonia que passara. — Você quem me pagou, madrasta.

— *Por quê...?* — Ela sussurrou em meio ao choro, abraçando o corpo inerte de uma das filhas.

— Porque eu não merecia o jeito que a senhora me tratava. Cansei de ser gentil. — Dito isso, deu-lhe as costas. Saiu do quarto mancando, ainda incapaz de se livrar daquele maldito sapatinho.

Um sorriso surgiu no canto dos lábios de Cinderela, ainda estavam aguardando por uma visita do príncipe.



Ela nem mesmo se deu o trabalho de trocar de roupa. Ficou aguardando a Guarda Real chegar do lado de fora da casa. Abraçava os próprios braços e demonstrou todo o desespero que esteva guardando para si mesma desde o dia anterior. O sentimento não foi falso nem por um segundo.

Mas o que disse aos homens com certeza ela não faria se fosse há alguns anos. O coração de Cinderela havia se tornado negro com tanto rancor guardado. Mesmo após colocá-lo para fora, ele parecia apenas crescer dentro de si.

Os guardas se aproximaram com suas bandeiras e espadas, lhe perguntaram o que aconteceu para que estivesse daquele jeito.

— Minha madrasta, ela… — Cinderela abaixou a cabeça. Fungando, como se estivesse prestes a chorar. — Depois que ela descobriu que o sapatinho de cristal é meu, ela enlouqueceu. Ela… matou minhas irmãs e tentou fazer o mesmo comigo. Eu…

Após ela erguer o pé com o par do sapatinho, eles não acharam necessário que ela provasse o outro. Providenciaram rapidamente um pano para passarem sobre o ombro dela, levando-a para a carruagem. Garantiram que ela ficaria segura.

Os homens averiguaram cuidadosamente o andar de cima e não foi difícil não acreditar na história de Cinderela, principalmente por ela ser conhecida por sua completa gentileza.

A moça não fazia ideia do que seria de sua madrasta, mas sabia que ela teria o fim que realmente merecia. Acomodada dentro da carruagem, tendo o privilégio de ficar sozinha no cubículo, voltou a sorrir com o seu sucesso. Sentia-se mal por tudo o que tivera que acontecer, porém, estava cavalgando em direção ao seu final feliz. O real problema era quando esse fim seria.

“Ainda não se livrou de mim”, a voz ecoou dentro de sua mente. Olhando para trás, viu aquele cadáver novamente. Estava parado diante da entrada da mansão que fora o seu lar durante anos, ainda segurava aquela bengala.

Cinderela sabia que, dali para frente, tudo seria tortuoso.

Contato da autora

Wattpad: @EduardaRozemberg

Email: duda.rozemberg@gmail.com

Página no Facebook



Marque a sua leitura

Goodreads – Skoob